

Narrativas e espaços ficcionais

UMA INTRODUÇÃO

CRISTHIANO AGUIAR



Editora
Mackenzie

NARRATIVAS E
ESPAÇOS FICCIONAIS

Uma introdução

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Reitor: Benedito Guimarães Aguiar Neto

Vice-reitor: Marco Tullio de Castro Vasconcelos

EDITORA DA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Conselho Editorial

Helena Bonito Pereira (*Presidente*)

José Francisco Siqueira Neto

Leila Figueiredo de Miranda

Luciano Silva

Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira

Maria Lucia Marcondes Carvalho Vasconcelos

Moisés Ari Zilber

Valter Luis Caldana Junior

Wilson do Amaral Filho

COLEÇÃO LETRAS MACKENZIE

Diretora: Helena Bonito Pereira

NARRATIVAS E ESPAÇOS FICCIONAIS

Uma introdução

Cristhiano Aguiar



© 2017 Cristhiano Aguiar

Todos os direitos reservados à Editora Mackenzie.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Mackenzie.

Coordenação editorial: Ana Claudia de Mauro
Capa, projeto gráfico e preparação de texto: Ana Claudia de Mauro
Revisão: Mônica de Aguiar Rocha
Estagiário editorial: Lucas R. N. Barbosa

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aguiar, Cristhiano

Narrativas e espaços ficcionais : uma introdução / Cristhiano Aguiar. -- 1. ed. -- São Paulo : Editora Mackenzie, 2017. -- (Coleção Letras Mackenzie ; 3)

Bibliografia

ISBN: 978-85-8293-464-7

1. Espaço e tempo na literatura 2. Espaço na literatura 3. Narrativas escritas 4. Teoria literária I. Título II. Série.

17-02752

CDD-801

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura : Teoria 801
2. Teoria literária 801

EDITORA MACKENZIE
Rua da Consolação, 930
Edifício João Calvino
São Paulo – SP – CEP 01302-907
Tel.: (5511) 2114-8774 (editorial)
editora@mackenzie.br
www.mackenzie.br/editora.html

Editora afiliada:



“Mas diz-me agora tu com verdade e sem rodeios,
por onde vagueaste, a que terras de homens chegaste;
fala-me deles e das cidades que eles habitam,
tanto dos que eram ásperos e selvagens como dos justos”

Odisseia, Homero

Este livro consiste em um recorte da fundamentação teórica da minha tese de doutorado, defendida em dezembro de 2014, na Universidade Presbiteriana Mackenzie, sob orientação da professora dra. Helena Bonito Pereira. Dessa forma, gostaria em especial de agradecer à minha orientadora pela dedicação, paciência e inteligente interlocução, sem as quais não teria concluído a pesquisa, que se apresenta de modo parcial nesta publicação.

Da mesma maneira, agradeço ao programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, aos meus professores e aos funcionários administrativos na pessoa da sua então coordenadora Ana Lúcia Trevisan, por todo o suporte e o apoio necessários a esta caminhada.

Agradeço, igualmente:

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo financiamento da pesquisa, mediante a concessão de bolsa de doutorado-sanduiche, que me permitiu estudar e pesquisar, ao longo do ano de 2012, na University of California, em Berkeley. Em seguida, agradeço à concessão de uma bolsa de pesquisa, pela mesma agência de fomento, quando do meu retorno ao Brasil, subsídio fundamental para a conclusão do trabalho.

Às professoras Candace Slater e Natalia Brizuela, por terem me recebido tão bem em Berkeley e terem franqueado o acesso aos seus seminários.

Aos membros da banca examinadora de tese: Eduardo F. Coutinho, Claudio Willer, Glória Carneiro Amaral e Ana Lúcia Trevisan pelas valiosas contribuições em suas arguições.

Aos meus amigos e colegas da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Universidade Federal de Pernambuco e University of California, em Berkeley, pelo privilégio de debater com todos vocês muitas das ideias propostas neste livro.

Aos meus familiares e a Nina, por todo o amor e carinho.

Dedico, por fim, o livro às minhas avós, Dona Vera e Dona Ildes (*in memoriam*), por terem me ensinado a contar histórias.

Sumário

Introdução17

**Espaço e narrativa: breve histórico
de um percurso de representação**27

Conversando com Mario Quintana.....29

A literatura é uma janela para
conhecermos cidades e geografias?.....34

O espaço dos sultões, dos cavaleiros
medievais e dos dragões..... 37

Espaço e o nascimento da literatura moderna:
Erich Auerbach, Ian Watt e Mikhail Bakhtin..... 44

Decameron: os túmulos de Guido Cavalcanti..... 51

Lazarillo de Tormes: realismo e paródia..... 58

“Micromegas”: o espaço da ciência moderna.....	65
Espaço ficcional em Balzac, Machado de Assis e Clarice Lispector.....	75
Espaço: bases teóricas e perspectivas críticas.....	103
Forma temporal, forma espacial: G. E. Lessing e Joseph Frank.....	105
Espacialização da forma e espacialização temática: Osman Lins e Juan José Saer.....	123
Espaço e teoria literária: algumas abordagens.....	135

Espaço e literatura contemporânea brasileira: um exemplo de leitura	145
<i>Cinzas do Norte</i> , de Milton Hatoum, e <i>Eles eram muitos cavalos</i> , de Luiz Ruffato: uma leitura dos seus espaços narrativos.....	147
<i>Cinzas do Norte</i> : o espaço da natureza e o espaço da representação.....	149
<i>Eles eram muitos cavalos</i> : São Paulo, o hiperpoema.....	154
Conclusão	163
Referências	167
Índice	175



INTRODUÇÃO



O presente estudo tem como objetivo fornecer subsídios teóricos para todos aqueles interessados nas relações entre narrativas literárias e espaço ficcional. Ao longo do nosso percurso, as considerações historiográficas e teóricas serão sempre articuladas com a análise de textos literários. Analisaremos, por exemplo, de que maneiras o espaço, ao longo do tempo, foi trabalhado em diferentes narrativas. Começaremos com a *Canção de Rolando* e as *Cento e uma noites* e finalizaremos com o conto “Amor”, de Clarice Lispector. Em seguida, faremos uma apresentação de algumas teorias e estudos gerais vinculados à reflexão sobre o espaço. Por fim, no último capítulo, finalizaremos com um exemplo prático de como realizar uma análise comparada, considerando o espaço como categoria de análise principal, entre dois romances contemporâneos brasileiros: *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum, e *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato.

Mas, afinal de contas, o que é espaço? A resposta não é fácil.

A princípio, se o escopo da questão não for amplo, responder “o que é” pode não ser tão difícil. Imagine o leitor uma pequena caixa vazia e que caiba na palma da mão. Imaginemos agora que ela será

aberta diante de nossos olhos. Imediatamente, diremos: “há espaço”. Para o quê? Para que caiba uma joia, um anel ou uma aliança. Nesse exemplo, espaço é o lugar, o cenário, o meio definido dentro de um objeto de dimensão tridimensional no qual algo, respeitados os limites do objeto continente, pode ser inserido.

A definição do que é espaço, no primeiro exemplo, passa a ser a de uma relação entre um continente e uma possibilidade de conteúdo. Possibilidade, aliás, que nos indica a *função* do objeto chamado “caixa”. Imaginemos que uma aliança de casamento seja inserida dentro da caixinha. Antes “vazio”, agora o espaço ocupado não só ativa a razão de ser do objeto que passa a conter a aliança, como também ajuda a realçar a própria diferença entre os dois seres diferentes. O espaço, a partir de agora, além de nos ajudar a definir a funcionalidade do objeto caixa, também reitera que caixa e anel não compartilham a mesma natureza. Uma das funções que a filosofia e o conhecimento científico sempre atribuíram ao espaço foi a de nos ajudar a perceber que, em uma dada realidade na qual as coisas no mundo são apresentadas aos nossos sentidos como *simultâneas*, é justamente o espaço entre elas, o fato de que ocupam cada uma um ponto próprio, que nos garante que elas não são a mesma coisa.

De uma caixinha, passemos para uma realidade maior, a de uma casa. Também podemos atribuir à casa, naturalmente, o *status* de ser um espaço; espaço este que de igual forma está cheio de funções: cabe à casa ser um local de descanso e de trabalho, ou de proteção e de garantia de uma propriedade, por exemplo. Dentro de uma casa, esteja ela habitada ou não, existe a possibilidade de observarmos com mais clareza o fluir de um conceito-irmão do espaço, cuja presença

acompanhará esta obra: o *tempo*. Assim, um possível entendimento do que seria espaço implica pensá-lo como um meio pelo meio do qual nós podemos entrar em contato com a ação desta entidade conhecida como tempo. Uma casa nasce no sentido de ser, tijolo por tijolo, construída; amadurece, no sentido de ser utilizada para as mais diversas funções imagináveis, não apenas aquelas que citamos linhas atrás; e “morre” ao ser esvaziada permanentemente, abrindo espaço à condição de ruína ou ao estado de total destruição.

Tempo e espaço: em algumas épocas, será o tempo que o pensamento das humanidades enfatizará; em outras, como parece ser agora, o espaço desempenha um renovado protagonismo na reflexão social e teórica. Em certos momentos, o espaço, como observa Massey (2008), foi considerado um “vilão” pelas humanidades; em outros momentos, as ideias de “espaço” e “lugar” são inflacionadas até um extremo provavelmente ingênuo. Voltando, contudo, ao exemplo da casa, encontramos, além da revelação do tempo, outra função desempenhada pelo espaço: a de definir o que são as ideias de *intimidade* e *exposição*; o que está *dentro* e o que está *fora*; o que é da cena social, ou seja, a série de comportamentos e objetos expostos à sociedade, e o que é obsceno, ou seja, as interdições à exposição das funções íntimas do corpo e do comportamento sexual.

A casa nos ensina a respeito de fronteiras, a respeito do pertencer e do não pertencer. Ao contrário da caixinha, a casa exhibe com mais clareza outra importante característica atribuída ao espaço: a distância. Dividida em diferentes subespaços, a casa pede uma noção de deslocamento. É possível sair do quarto para ir ao banheiro ou sentar-se no sofá para assistir à televisão. Dessa maneira, muitas vezes encontraremos definições de espaço nas quais a ideia de

movimento é fundamental. Na verdade, ao pensarmos um pouco sobre as ideias da física newtoniana, descobriremos que a necessidade de pensar o espaço nasceu porque era preciso dar uma resposta à pergunta a respeito do movimento dos corpos. Séculos após Newton, a teoria da relatividade de Einstein também fundamentará a sua ideia de espaço, ou melhor, de espaço-tempo, introduzindo como elemento essencial de definição as noções de distância e movimento.

Fronteira e movimento: o escopo se alarga e não podemos mais falar de casa, mas sim de cidade. Onde começa e onde termina a cidade? A pergunta, espacial por excelência, não possui uma resposta tão simples assim. Embora possamos, do alto de um avião ou mediante uma imagem gerada por um satélite, ter noção geral de uma mancha, sempre amorfa, composta por um tecido urbano que de fato termina em algum lugar da geografia de uma dada região, os limites da cidade podem muitas vezes se estender para além de uma visível ocupação urbana. Partes de uma área de feição mais rural podem pertencer aos limites de um município, englobando na mesma ideia de *espaço da cidade* regiões de feições diferentes. Os limites das cidades também são imprecisos mesmo dentro da própria malha urbana. Desse modo, falamos de “região metropolitana de São Paulo” ou da “região do ABC”, por exemplo, pois diferentes cidades se misturam e só se diferenciam por linhas e fronteiras imaginárias. Essas linhas e limites, contudo, são fundamentais e eles demonstram outra função do espaço: é sempre em perspectiva espacial que acontecem trocas econômicas, circulação de bens e serviços, aplicação de leis. Parte da resposta à questão “o que é espaço” poderia ser respondida, como o fazem teóricos do espaço, como o francês Henri Lefebvre ou o norte-americano Edward Soja, dizendo-se

que *espaço é a possibilidade por excelência do homem desempenhar a sua vocação de animal social*. Ou seja: o espaço é definido como a condição mínima que estrutura a possibilidade de interação.

Uma caixa está contida em uma casa, que por sua vez está contida em um território urbano, que por sua vez está contido em um Estado, em uma nação, em um planeta, em um “espaço” – muitas vezes qualificado como “sideral”. É no silêncio do espaço sideral que a pergunta a respeito do espaço retorna: *onde* estamos, e o que é exatamente esse *onde*? Esse espaço escuro já foi entendido, no passado, como infinito, plano e vazio – um espaço sem fim. Na constituição da modernidade, quando ciência e teologia se alimentavam reciprocamente, um espaço infinito que tudo abarca era necessário à elaboração da ideia de um Deus também infinito, eterno e imutável, por exemplo.

O espaço fascinou filósofos, cientistas, políticos, mas também escritores e artistas em geral. A literatura, tanto em prosa quanto em verso, foi e continua a ser um campo muito fecundo de especulações sobre o espaço e as suas possibilidades representativas. Da ficção científica aos contos de Clarice Lispector, discutir literatura implica pensar o quanto o espaço é uma peça fundamental para o processo de construção poética. No entanto, se compararmos com os estudos dedicados a outros aspectos da narrativa, tais como a personagem ou o foco narrativo, veremos o quanto apenas em tempos recentes o espaço tem recebido um tratamento mais aprofundado. Por isso, reiteramos o quanto este livro tem o objetivo de fazer um apanhado introdutório de tópicos que consideramos imprescindíveis para um debate teórico sobre o espaço, haja vista o crescente interesse pela matéria, a fim de contribuir para a já fecunda discussão teórica sobre o espaço no campo dos estudos literários.

Como foi dito no primeiro parágrafo desta introdução, nosso plano de trabalho consistirá em três partes. Em todas, procuramos pôr em diálogo o gesto de construção de um horizonte historiográfico/teórico com a análise de narrativas em prosa e, em momentos pontuais, de poemas líricos e épicos. Na primeira parte, “Espaço e Narrativa: breve histórico de um percurso de representação” faremos uma série de leituras de narrativas. Essas leituras enfatizarão os aspectos espaciais da representação literária contidos em cada texto e serão guiadas por uma mesma indagação: dos romances de cavalaria, passando pela literatura picaresca e chegando a Clarice Lispector, o espaço desempenhou a mesma função narrativa ao longo de séculos e séculos de criação ficcional? Nesse sentido, as perspectivas sobre realismo e modernidade literárias encontradas nas obras de Bakhtin, Auerbach e Ian Watt constituem o horizonte teórico desta etapa.

Na segunda parte, “Espaço: bases teóricas e perspectivas críticas”, faremos a leitura de alguns textos literários de Carlos Drummond de Andrade, Osman Lins e Juan José Saer, articulando-os a uma discussão acerca da contribuição da Teoria da Literatura na sistematização de uma reflexão sobre o espaço enquanto categoria da narrativa. Este livro não possui o propósito de construir uma Teoria Geral do Espaço Narrativo, contudo tipologias elaboradas por Osman Lins, bem como as ideias de espacialização da forma literária de Joseph Frank, ganharão destaque em nossa análise. Ainda neste capítulo, citaremos um conjunto de estudos sobre o espaço na literatura, sugestões nossas de leitura para o pesquisador interessado em dar os passos seguintes de aprofundamento.

Finalmente, embora a primeira e segunda partes deste livro nunca separem a reflexão teórica da análise textual literária, a terceira

e última parte, mais breve do que os capítulos anteriores, encerra o nosso percurso com uma análise mais aprofundada de dois romances brasileiros contemporâneos. Consideramos didaticamente relevante, em especial ao aluno da graduação em Letras porventura interessado nas questões apresentadas ao longo das próximas páginas, que haja, em separado, um último exemplo de leitura do espaço na ficção.

Afinal de contas, o que é espaço? A resposta não é fácil, no entanto, é necessário compreendermos que o espaço é uma peça fundamental para o processo de construção poética. Deve o espaço ser somente um “pano de fundo” às narrativas ficcionais?

Narrativas e espaços ficcionais: uma introdução faz um apanhado de tópicos imprescindíveis para um debate teórico sobre o espaço, a fim de contribuir para a já fecunda discussão teórica sobre o espaço no campo dos estudos literários.

Conjugando, a todo momento, discussões teóricas e historiográficas com a análise de narrativas, esta obra convida seus potenciais leitores, tanto aqueles atuantes na área de Letras quanto os interessados em literatura de modo geral, a dar os primeiros passos na consideração do espaço como categoria essencial para a análise de obras literárias.